

“Ser mauricinho e dar a elza”: subsídios para uma análise de epônimos contemporâneos

Eduardo Tadeu Roque Amaral¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
Pós-Graduação em Letras (Doutorado)
Área: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana
eduardamaralbh@uol.com.br

Abstract. *Considering the definition of eponyms as items with lexical sense that are originated of proper names and restricting the analysis to the derivatives of anthroponymies, this work presents, firstly, some lexical units that have characteristics of eponymic items in the contemporary Brazilian Portuguese and, after that, it discusses possible criteria for a classification of eponyms.*

Keywords. *Eponyms; deonomastic; proper names; anthroponymies.*

Resumo. *Considerando a definição de epônimos como itens com sentido lexical que se originam de nomes próprios e restringindo a análise aos derivados de antropônimos, este trabalho apresenta, primeiramente, algumas unidades lexicais que no português brasileiro contemporâneo têm características de itens eponímicos e, em seguida, discute critérios possíveis para uma classificação de epônimos.*

Palavras-chave. *Epônimos; deonomástica; nomes próprios; antropônimos.*

Introdução

Partindo da noção de *epônimo* como item com sentido lexical que se origina de um nome próprio, este trabalho apresenta, em uma primeira parte, unidades lexicais que no português contemporâneo têm características de itens eponímicos. Em uma segunda parte, são discutidos alguns critérios para uma classificação de epônimos. O objetivo final é poder auxiliar os trabalhos que visam à confecção de repertórios eponímicos.

Após a análise dos epônimos apresentados por Oliveira Filho (2001) e Neves (2004), pretende-se, com este trabalho, prosseguir o estudo desses autores e avançar nas pesquisas sobre o tema, o que não significa necessariamente que se queira dar respostas a várias questões que serão apresentadas, mas principalmente explicitá-las e sugerir caminhos para futuras investigações. Antes, porém, é preciso conceituar e delimitar o nosso objeto de estudo.

1. Epônimos: conceitos e delimitações

O termo *epônimo* tem sido utilizado com pelo menos dois significados. Por um lado, consideram-se *epônimos* aqueles seres que *dão* ou *emprestam* seu nome a alguma coisa. Essa é a definição que encontramos em dicionários como o de Ferreira (1999). Por outro lado, são também chamados de *epônimos* os itens lexicais originados de

nomes próprios. Esta última acepção é a que se encontra em muitos trabalhos sobre o tema e será essa a que doravante vai ser utilizada. No entanto, somente serão objeto deste estudo os epônimos que se originam de nomes de pessoa (antropônimos)¹. Dessa forma, itens como *champanhe*, *chantilly*, *conhaque*, etc., de origem toponímica, serão excluídos.

Em princípio, qualquer antropônimo pode dar origem a um epônimo. Basta que os falantes de uma comunidade lingüística utilizem o nome de uma pessoa atribuindo a esse nome um sentido, a partir de uma ou mais características dessa pessoa ou de um resultado do seu trabalho. Mas para a definição de epônimo adotada aqui é importante que a unidade lexical já possua um sentido lexical para um grupo de falantes – muito embora seja difícil, em alguns casos, saber se há ou não um sentido *prévio* ou *inerente*.

Pelo exposto, conclui-se que se está assumindo a noção de que o nome próprio não possui sentido lexical². Dessa forma, é possível diferenciar o uso de um epônimo do emprego de um antropônimo, na medida em que o primeiro possui um sentido descritivo, lexical, e o segundo não. O antropônimo, como os outros nomes próprios, constitui-se em uma expressão associada previamente a um particular, o referente inicial de Gary-Prieur (1994: 29), em virtude de um laço denominativo estável, nos termos de Jonasson (1994: 17).

É necessário esclarecer também que ficam fora desta análise o uso de antropônimos que produzem interpretações diferenciadas, muitas vezes relacionadas, por alguns autores, às interpretações de um nome comum. Assim, excluem-se os chamados usos *denominativo*, *manifestação*, *exemplar*, *metafórico* e *metonímico*, tratados por Flaux (1991), Gary-Prieur (1994), Jonasson (1991) e (1994), Leroy (2004), nos quais o *sentido* no antropônimo é construído discursivamente, ou seja, o nome próprio não possui um sentido no léxico, acessível aos falantes da língua, como deverá acontecer com os epônimos³.

2. Os epônimos nos estudos da língua portuguesa

No dicionário de epônimos do espanhol de García-Castañon (2001), o autor observa que “a diferencia de otros idiomas, no existen en español repertorios de epônimos, con la excepción de obras técnicas dedicadas a los epônimos médicos”. A mesma observação pode ser feita para o português brasileiro. Com exceção de obras técnicas dedicadas a áreas específicas (Melhem, 1996; Gebara e Pupo Júnior, 1997 constituem exemplos), são raros os trabalhos que apresentam um repertório de epônimos do português – situação diferente da que se encontra, por exemplo, para o inglês⁴. Para o português, é possível mencionar Neves (2004) e Oliveira Filho (2001), cujos trabalhos ofereceram uma base para esta pesquisa.

O primeiro, Neves (2004), é uma publicação recente com um variado repertório eponímico, que inclui principalmente itens de origem antropônímica ou toponímica. Mas, pelo fato de autor e obra serem de Portugal, muitos epônimos comuns naquele país são desconhecidos ou muito raros no português brasileiro. Isso nos impõe uma revisão dos itens apresentados pelo autor, se quisermos analisar os epônimos do português brasileiro contemporâneo.

O segundo, Oliveira Filho (2001), é uma dissertação de mestrado que reúne e classifica palavras da língua portuguesa derivadas de antropônimos. Serviram de fonte para o autor o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1986) e o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio

Buarque de Holanda Ferreira (1986). Por ter se servido dessas fontes, a relação de epônimos do autor não inclui itens mais recentes que podem ser considerados eponímicos e que não se encontram dicionarizados. Além do mais, tanto em Oliveira Filho (2001) como em Neves (2004), muitos itens que são arrolados como epônimos têm um comportamento lingüístico e/ou origem diferenciado/s dos demais (originam-se alguns de topônimos, outros são nomes derivados de marcas, alguns não remetem a um indivíduo específico, etc.).

3. Epônimos contemporâneos

Como foi dito, partiu-se dos dados apresentados em Oliveira Filho (2001) e em Neves (2004). Considerando o recorte na noção de epônimos feito para esta pesquisa, foram encontrados em ambos os trabalhos 400 itens eponímicos⁵. Na impossibilidade de listar todos aqui, apresentam-se, no Quadro 1, os 10 primeiros e os 10 últimos epônimos encontrados.

Quadro 1: Itens eponímicos apresentados por Oliveira Filho (2001) e Neves (2004)

1.	abreugrafia		(...)
2.	acacianismo	391.	witherita
3.	academia/acadêmico	392.	wollastonita
4.	ada	393.	wulfenita
5.	adonis	394.	wurtzita
6.	adonismo	395.	xantipa
7.	afrodisíaco	396.	yagi
8.	agareno	397.	zéfiro
9.	agosto	398.	zepelim
10.	alexandrino	399.	zínia
	(...)	400.	zoilo

Mas a seleção feita pelos autores precisa ser revista e atualizada. Para uma revisão, seria necessário elaborar uma definição mais refinada de epônimos, levando em conta os aspectos que serão tratados na próxima seção. Para uma atualização, faz-se necessário recorrer a um corpus amplo do português contemporâneo.

Em uma análise preliminar de textos de diferentes gêneros publicados na *web* (jornais, blogs, sites de relacionamento como orkut, etc.) encontraram-se novos itens que poderiam perfeitamente ser considerados epônimos. Tais itens estão apresentados no quadro a seguir (Quadro 2), em que aparecem duas colunas: a primeira, com a ocorrência do epônimo e seu significado; a segunda, com o exemplo e a respectiva fonte da qual foi extraído.

Por motivo de espaço, os exemplos não serão comentados separadamente. Mas é preciso fazer algumas considerações: a) nenhum dos itens que estão no Quadro 2 consta nas relações citadas de epônimos do português – embora alguns já estejam até dicionarizados, como (6), (7) e (10); b) sobre a origem de tais epônimos, convém observar que alguns surgem da linguagem informal de alguns grupos sociais (como homossexuais (2) e (4), presidiários (10), etc.) e se espalham, enquanto outros surgem dos meios de comunicação (televisão, publicidade, etc.).

Quadro 2. Epônimos contemporâneos do português brasileiro

<p>barbie: 1 – menina que se preocupa demais com a aparência; 2 – homossexual musculoso</p>	<p>(1) Minha amiga eh uma BARBIE!! 79 membros Se vc tem uma amiga que sempre se veste, anda e atua como uma Barbie, vc esta na comunidade certa! Vamos dividir este espaco para conhecer melhor as Barbies que estao nas nossas vidas! (http://www.orkut.com/CommunitySearch.aspx?q=uma+barbie&sln=0&pno=1)</p> <p>(2) Dá todo tipo de gente e é essa mistura que faz o babado. Tem barbie, tem bicha fina, tem gafanhota, tem caminhoneira, tem tudo! http://www.noolhar.com/opovo/guiavidaearte/453882.html</p>
<p>bráulio: pênis</p>	<p>(3) Dia desse, aproveitou a imagem de um “bráulio” descomunal e enviou-o a uma funcionária que já passou incólume a casa dos 45 anos. (O Estado do Maranhão, 06-11-01)</p>
<p>elza, dar / levar / fazer a: roubar</p>	<p>(4) Em relação a essa obra, cujo lançamento tive o privilégio de assistir no Municipal de Niterói, tenho apenas duas preocupações: furar de tanto tocar ou algum desavidado dar uma “elza” e tirá-lo lá de Maricá. (http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/9381)</p>
<p>joselito: pessoa que faz brincadeiras sem graça; sem noção.</p>	<p>(5) Eu sou Joselito! Se você é sem noção, não sabe brincar, age por instinto e faz brincadeiras que ninguém acha graça, essa é a sua comunidade. Venha contar as joselices que você já fez pela vida. (http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=529450)</p>
<p>mauricinho: rapaz que se preocupa excessivamente com a aparência e que frequenta os lugares da moda</p>	<p>(6) Aos 19, Ronaldo deixa pobreza e vira mauricinho. (FSP 24-06-04)</p>
<p>patricinha: moça que se preocupa excessivamente com a aparência e que frequenta os lugares da moda</p>	<p>(7) Muitos, entretanto, vestem a camisa da elite. “Eu sou mesmo patricinha, gosto das coisas boas e de fazer parte de um grupo”, diz Stephanie Schoate, 18, 2º ano de rádio e TV, para quem o curso escolhido já indica “o estilo”. (FSP 12-09-04)</p>
<p>rambo: homem musculoso, rude e pouco inteligente</p>	<p>(8) AAAAAAAAAAAAAANH! AAAAAAAAAAAAAANH! essa é a comunidos dos OS RAMBO, para seus admiridores, simpatizantes, contribuintes e patrocinadores, q com toda certeza nos invejam, pq nois e os cara! NOIS E BAO! NOIS E MAU! NOIS E CRUEL! NOIS LE CONTO ERÓTICO! NOIS GARRA! (http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1085721)</p>
<p>ricardão: amante</p>	<p>(9) Eu sou um Ricardão. Pra você que tem prazer em ser o legítimo RICARDÃO. Porque esses namorados de hoje em dia... não valem um conto de réis!! (http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1635607)</p>
<p>teresa: corda feita com lençol</p>	<p>(10) Sete presos escaparam ontem de manhã, do presídio de Juazeiro após escalarem um muro com o auxílio de uma “teresa” (corda feita com lençol). http://www.correiodabahia.com.br/2002/09/26/noticia.asp?link=not000062874.xml</p>

Esse quadro constitui um rápido levantamento sobre novos epônimos. É necessário que a pesquisa continue, observando a frequência desses itens em um corpus mais amplo e observando características tais como as que serão discutidas abaixo.

4. Classificação dos epônimos

Oliveira Filho (2001) apresenta a seguinte classificação (ou os seguintes grupos) dos epônimos que reúne (os exemplos são do autor):

- I – Epônimos cuja forma é a mesma do antropônimo que lhe originou – podendo haver pequenas alterações, principalmente na adaptação de uma língua a outra (*adônis* < *Adônis*);
- II – Epônimos a cujo antropônimo acrescentam-se afixos, principalmente sufixos (*desgalvanizar* < *Luigi Galvani*; *narcisismo* < *Narciso*);
- III – Epônimos construídos por processo metafórico (*Aquele homem é um Cícero* < *Cícero*);
- IV – Epônimos construídos por processo metonímico (*Comprei um Ford* < *Ford*);
- V – Epônimos classificados segundo as categorias lexicais (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio);
- VI – Lexias compostas (*pão-de-ló* < *Lot*);
- VII – Empréstimos (*diesel* < *Rudolf Diesel*);
- VIII – Hibridismo (*chauvinismo* < *Chauvin* (fr.) + *-ismo* (gr.));
- IX – Campos semânticos (artístico, científico, mitológico, popular, religioso).

Nem todas as classificações feitas pelo autor serão retomadas neste trabalho. A análise aqui apresentada estará centrada principalmente nos grupos I e II e em novas possibilidades de classificação. Além do mais, como feito na seção anterior, serão utilizados exemplos dos corpora mencionados, com o objetivo de contextualizar o uso de cada epônimo. Em alguns casos, retomaremos os exemplos do Quadro 2.

4.1. Classificação 1

Observando a variedade dos epônimos, parece realmente que um critério seguro de classificação poderia levar em conta traços morfossintáticos do antropônimo original. Comparando o epônimo com o nome do portador original, teríamos:

GRUPO 1A: nomes que aparecem nus, ou seja, sem nenhuma modificação morfológica do antropônimo original. São exemplos *judas*, *bráulio*, *joselito*, etc.:

(11) Tenho um amigo que é um **Judas**.

Se vc tem um amigo ou amiga que vc acha que é um **judas** por algo q ele tenha feito contigo ou por causa das atitudes dele essa é a comunidade onde vc pode demonstrar todo o seu ódio por ele!!!

(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3343623>)

(3) Dia desse, aproveitou a imagem de um “**bráulio**” descomunal e enviou-o a uma funcionária que já passou incólume a casa dos 45 anos. (O Estado do Maranhão, 06-11-01)

(5) Eu sou **Joselito!**

Se você é sem noção, não sabe brincar, age por instinto e faz brincadeiras que ninguém acha graça, essa é a sua comunidade. Venha contar as joselices que você já fez pela vida.

(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=529450>)

Neste grupo, ainda seria possível destacar, como um subgrupo, aqueles epônimos que fazem parte de um sintagma preposicionado, ou seja, pertencendo à estrutura: [SN₁[SP_{rep}de[SN₂[Det∅] [antropônimo]]]]. São exemplos: *trompas de Falópio*; *tendão-de-aquiles*; *calcanhar de Aquiles*; *doença de Chagas*; *pomo-de-adão*; etc.

(12) "É fato científico que a vida tem início no momento da fertilização, da união do espermatozóide com o óvulo, que se dá nas **trompas de Falópio**, e qualquer interrupção da vida desde esse momento é um aborto", diz Vieira, também consultor do Pontifício Conselho para a Família, nomeado pelo papa João Paulo 2º. (FSP 11/04/04)

(13) O **calcanhar de Aquiles** do trio era o violinista coreano Young Uck Kim, agora substituído pelo britânico Daniel Hope, estrela ascendente do violino. (FSP 20/12/2004)

Nesse subgrupo entram os epônimos *clássicos*, bem conhecidos na literatura médica e em outras áreas específicas. Normalmente, os autores assinalam que se trata de uma descoberta ou criação feita por um indivíduo, a qual recebe seu nome. Com os epônimos, são nomeados: doenças, estruturas anatômicas, testes, etc. Os casos em que aparecem personagens mitológicos, obviamente, fogem a essa explicação, embora o processo de criação lexical seja o mesmo.

GRUPO 1B: nomes cujo antropônimo recebe afixos, geralmente sufixos. São exemplos: *mauricinho*, *marxismo*, *bacanal*, etc.

(6) Aos 19, Ronaldo deixa pobreza e vira **mauricinho**. (FSP 24-06-04)

(14) o **marxismo** passa a ser uma simples mostra de falsa cientificidade da falsa esquerda (<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=257968&tid=9553738>)

(15) E na mesma promiscuidade vão PCdoB, PCB, PTB, PV, falsas esquerdas e verdadeiras direitas, todas as siglas postas sob uma interrogação comum: trata-se de um segundo turno eleitoral ou de uma **bacanal** política? (FSP 10/10/2004)

Em seus dados, Oliveira Filho (2001) encontra pouquíssimos casos com prefixos (*a-* e *des-*) e a grande maioria com sufixos (*-áceo*; *-aco*; *-ada*; etc.) Segundo o autor, os sufixos mais produtivos foram *-ismo* (narcisismo); *-ico* (hermético); e *-ia* (simonia).

Qualquer antropônimo pode receber um afixo e se tornar um epônimo. Mas as questões que se colocam têm a ver com o uso: quais afixos estariam de fato

contribuindo para a produção e o uso de epônimos no português brasileiro e quais antropônimos tendem mais a receber tais elementos? Parece que cada campo do conhecimento tem os seus indivíduos, normalmente personalidades, cujo nome tende a receber afixos, uma vez que seu trabalho cria teorias, comportamentos, etc. De qualquer forma, o trabalho que precisa ser feito agora é verificar a produtividade de cada afixo em um corpus amplo do português contemporâneo.

4.2. Classificação 2

Uma segunda classificação pode levar em conta critérios semântico-pragmáticos, observando-se a relação estabelecida entre o sentido do epônimo e a *localização* do referente inicial ou a alguma propriedade (ou produção) sua. Convém lembrar que, pela definição apresentada acima, o epônimo já deve ser considerado um item com significado lexical, diferentemente do nome próprio em seu uso típico. Mas isso não impede que o falante construa uma imagem do referente inicial e vá buscar nela a(s) propriedade(s) necessária(s) para a interpretação do epônimo.

Tendo essas informações como base de uma classificação, poderíamos ter:

GRUPO 2A: epônimos cujo uso não cria no falante uma imagem do referente inicial: *patricinha*; *bráulio*, *dar/fazer/levar a Elza*, etc.

(3) Dia desse, aproveitou a imagem de um “**bráulio**” descomunal e enviou-o a uma funcionária que já passou incólume a casa dos 45 anos. (O Estado do Maranhão, 06-11-01)

(4) Em relação a essa obra, cujo lançamento tive o privilégio de assistir no Municipal de Niterói, tenho apenas duas preocupações: furar de tanto tocar ou algum desavidado dar uma “**elza**” e tirá-lo lá de Maricá.
(<http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/9381>)

(7) Muitos, entretanto, vestem a camisa da elite. “Eu sou mesmo **patricinha**, gosto das coisas boas e de fazer parte de um grupo”, diz Stephanie Schoate, 18, 2º ano de rádio e TV, para quem o curso escolhido já indica “o estilo”. (FSP 12-09-04)

Ao utilizar os antropônimos acima, não se recorre a nenhuma das propriedades de um indivíduo chamado *Bráulio*, nem de uma *Elza* ou de uma *Patrícia* (ou *Patricinha*). O falante aprende o epônimo já com o seu significado e ignora quem seja o referente inicial.

Junto a esse grupo, deveriam ser mencionados os casos de expressões (ou mesmo provérbios) do português em que aparecem antropônimos. São exemplos: *maria-gasolina*; *maria-mole*; *joão-ninguém*; *joão-teimoso*; *zé-ninguém*; *zé-prequeté*; etc. Convém ressaltar, que, nesses casos, a maioria das ocorrências se dá com nomes bem comuns no Brasil: *José* (ou *Zé*), *João*, *Maria*, etc. Prova disso é que há, no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 74 verbetes que começam com *maria-* e 72 que começam por *joão-* (Instituto Antônio Houaiss, 2004).

GRUPO 2B: epônimos que podem levar o falante a uma imagem do referente inicial. Ex.: *dom-juan*; *quixotesco*; *joselito*; etc.

(16) Você sabe o que é ter um **Dom Juan** do seu lado? Pois eu te digo... é ver o sujeito abrir o outlook e encaminhar a mesma cantanda para 70 mulheres ao mesmo tempo.

(http://pisandonasnuvens.weblogger.terra.com.br/200410_pisandonasnuvens_arquivo.htm)

(17) A peça retoma o "idiota" **cristão** e **quixotesco** de Dostoiévski, focando a recompensa de dor e ridículo aos que insistam na redenção que vem da bondade. (FSP 04/04/2004)

(5) Eu sou **Joselito!**

Se você é sem noção, não sabe brincar, age por instinto e faz brincadeiras que ninguém acha graça, essa é a sua comunidade. Venha contar as **joselices** que você já fez pela vida.

(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=529450>)

Foi dito *pode* porque é possível que o falante use os epônimos desse grupo sem que recorra a uma imagem do referente inicial. Assim, ao utilizar os epônimos acima, pode ocorrer ou não que o falante tenha em mente a imagem dos personagens da literatura espanhola, Dom Juan e Dom Quixote, ou do personagem da MTV, *Joselito*, dos quais se originaram os epônimos. Contudo, é difícil afirmar se o falante tem ou se não tem uma imagem do referente inicial. Para isso, seria necessário que se fizesse uma pesquisa diretamente com os usuários de tais epônimos. Só assim, poderíamos falar em *opacidade eponímica*, como acontece com outros epônimos, como *moeda*, *sadismo*, *venéreo*, etc.

Considerações finais

Este trabalho teve dois objetivos: apresentar novos itens eponímicos, extraídos de *corpora* do português brasileiro contemporâneo e discutir aspectos relativos à classificação de epônimos. Com relação ao primeiro objetivo, a relação elaborada, que apresentou epônimos como *barbie*, *bráulio*, *dar a elza*, etc., foi pequena, mas espera-se que uma análise em um corpus mais amplo possa revelar novas surpresas. Com respeito ao segundo, a partir dos grupos de epônimos formados, foi vista a importância de se considerar aspectos morfosintáticos e aspectos semântico-pragmáticos na classificação de tais unidades lingüísticas. Acredita-se que a continuidade no estudo dessas questões possa levar a reflexões mais aprofundadas e a um refinamento dos critérios propostos. Espera-se que tais reflexões levem-nos a construir um repertório crítico, coerente e atualizado de epônimos do português do Brasil.

¹ Entretanto, serão considerados *antropônimos* tanto os nomes de pessoas reais quanto os que pertencem a diversos mundos ficcionais (literatura, mitologia, etc.), e à publicidade.

² Sobre o sentido do nome próprio, há uma ampla bibliografia. Para acercar-se ao tema, pode-se consultar García Suárez (1997) e Fernández Leborans (1999). Em português, Brito (2003) e Leite (2004) são trabalhos recentes que retomam o assunto.

³ Naturalmente, o epônimo pode surgir a partir de interpretações como a metafórica ou a metonímica, mas essa questão não será tratada aqui.

⁴ Veja-se, como exemplo de repertório eponímico na web: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_eponyms.

⁵ De Oliveira Filho (2001), foram contabilizados os dados da divisão em “campos semânticos” (p.115-136).

Referências

- BRITO, Adriano Naves de. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- DÍAZ ROJO, José Antonio. Nociones de neología: la formación de derivados y compuestos a partir de nombres de personas. *Panace@*, Alicante, n. 5, p. 25-30, sept. 2001.
- FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 77-128.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. totalm. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FLAUX, Nelly. L'antonomase du nom propre ou la mémoire du référent. *Langue Française: syntaxe et sémantique des noms propres*, Paris, Larousse, v. 92, p. 26-45, déc. 1991.
- GARCÍA-CASTAÑÓN, Santiago. *Diccionario de epónimos del español*. Gijón: Trea, 2001.
- GARCÍA SUÁREZ, Alfonso. *Modos de significar: una introducción temática a la filosofía del lenguaje*. Madrid: Tecnos, 1997.
- GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. *Grammaire du nom propre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- GEBARA, Mansur Bittar; PUPO JÚNIOR, Rubens de Almeida. *Epónimos na prática médica*. São Paulo: Lemos, 1997.
- GUTIÉRREZ RODILLA, Bertha. Lo literario como fuente de inspiración para el lenguaje médico. *Panace@*, Alicante, vol IV, n. 11, p. 61-67, marzo 2003.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 1 CD-ROM.
- JONASSON, Kerstin. Les noms propres métaphoriques: construction et interprétation. *Langue Française: syntaxe et sémantique des noms propres*, Paris, Larousse, v. 92, p. 64-81, déc. 1991.
- JONASSON, Kerstin. *Le nom propre: constructions et interprétations*. Lourain-la-Neuve: Duculot, 1994.
- LEITE, Cláudia Aparecida de Oliveira. *O nome próprio e sua relação com o inconsciente*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- LEROY, Sarah. *Le nom propre en français*. Paris: Ophrys, 2004.
- MELHEM, Sergio. *Dicionário de epónimos (anatomia, embriologia, histologia)*. Taubaté: Editora da Universidade de Taubaté, 1996.
- NEVES, Orlando. *Dicionário do nome das coisas e outros epónimos*. Lisboa: Notícias, 2004.
- OLIVEIRA FILHO, Jurandir Soares. *Palavras oriundas, pelo processo eponímico, de antropónimos: classificações*. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2001.

- OROZ, Rodolfo. Sobre los adjetivos derivados de apellidos en la lengua española. *Boletín de Filología*, Santiago de Chile, v. IX, p. 105-120, 1956-1957.
- PARTRIDGE, Eric. *Name into word – proper names that have become common property*: a discursive dictionary. New York: Macmillan, 1950.
- PIATTO, Vânia Belintani; BATIGÁLIA, Fernando; NEVES, Antônio de Pádua. Terminologia médica e o uso de epônimos. *HB Científica*, v. 7, n. 3, set-dez. 2000.